

Um humorista húngaro: Karinthy Frigyes

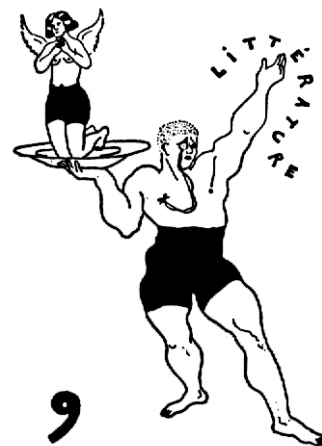
Paulo Rónai

Celebrou-se na Hungria em 1987 o centenário do nascimento de Karinthy Frigyes (Fredérico Karinthy), cuja figura não tinha parado de crescer desde sua morte, ocorrida em 1928. Personagem lendário dos cafés de Budapeste, boêmio incorrigível, herói de inúmeras anedotas e blagues, ele tinha aparecido na literatura com um volume intitulado Eis como vocês escrevem, coletânea de pastichos espirituosos do tipo À la manière de..., que de vez em rotulou de humorista, classificação de que nunca mais se livrou. "Pois essas caricaturas literárias estão longe de ser brincadeiras. São todas, sem exceção, críticas mascaradas ou fantasiadas, da variante mais nobre da crítica: caracterizam a obra de criação não por conceitos e teorias, mas de maneira sensível e sensual" (Kosztolányi Dezső).

Muitos anos a fio, em suas crônicas diárias, os famosos "humorescos", escritos geralmente em mesas de café, o escritor derramava uma profusão de idéias engraçadas ou grotescas, centenas ou talvez milhares de embriões de comédias e tragédias, romances e novelas, filmes de grande originalidade e ensaios provocadores. Tais opúsculos, que faziam rir a cidade, continham geralmente, apesar da exposição paradoxal e de aparente absurdez, um germe sério, um convite à meditação. Os melhores espécimes do gênero foram reunidos pelo próprio autor em Decameron do riso, cem humorescos. Entre suas demais obras cabe relevo especial a Licença, sr. professor, reminiscências de colégio divertidas, de velada ternura.

Além de mestre de humor, era Karinthy o campeão húngaro da literatura fantástica. Acrescentando novos capítulos às Viagens de Gulliver, lançou Viagem a Capilária (o país imaginário das mulheres) e Viagem a Feremido (a terra dos robôs). Outro relato de viagem, mas sem nada de ficção científica, é a estarrecedora Viagem em redor de meu crânio, em que narrava tintim por tintim a trepanação com que lhe extraíram um tumor cerebral em 1937, um ano antes da morte.

Na verdade, suas caretas disfarçavam um dos espíritos mais clarividentes e inquietos da época, profundamente atormentados por problemas universais. "Sua preocupação principal, sua grande vivência, sua tarimba diária, a base de todas as suas obras era o Pensamento, essa unidade de mil faces, essas mil centelhas aspirando a se fundirem" (Laczkó Géza). O pessimismo amargo de seus últimos anos originava-se na descoberta dolorosa de que os progressos da ciência não traziam consigo necessariamente um aperfeiçoamento íntimo da humanidade. O produto mais característico de um racionalismo que o fez ser comparado a H. G. Wells é o volume Quem perguntou pela tua opinião?, em que reuniu os fragmentos de uma Nova Enciclopédia com que não parara de sonhar.



Littérature by Francis Picabia

PAULO RÓNAI, nascido em 1907 em Budapeste é escritor, filólogo e tradutor. Traduziu, entre outros, vários autores húngaros para o português (*Os meninos da rua Paulo*, de Ferenc Molnar, *A tragédia do homem*, de Imre Madách e *Antologia do conto húngaro*). Esta apresentação foi publicada originalmente na revista "Aproximações" e o conto de Karinthy Frigyes, em "Contos Húngaros" (Biblioteca Universal Popular - Esgotado).

Seus contos “sérios” estão reunidos nos volumes Cai a neve, Assassinos e Dois navios, matizados pelo mesmo lirismo desenganado que anima os versos de seu volume Não posso contar a ninguém. Há entre esses contos algumas alegorias de pungente beleza, como Circo (em que um violinista genial, para se fazer ouvir, se torna acrobata e arrisca a vida a fim de, do alto de uma pirâmide de mesas e cadeiras, rematar a exibição pela execução de uma sonata).

Sua obra inesgotável, ainda não recolhida em sua totalidade, abrange ainda inúmeros artigos de jornal, comentários, cenas, diálogos; suas pilhérias, bons mots, mistificações, slogans ficaram célebres e enriqueceram a língua com muitos elementos de notável criatividade.

Psicologia do movimento revolucionário no materialismo capitalista e crise do proletariado

Psicofísica dos conflitos entre as classes dirigentes e a consciência das massas

Karinthy Frigyes

Tradução de PAULO RÓNAI E AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA

(Exaustivo estudo teórico das origens das lutas sociais, baseado no materialismo histórico, de acordo com as obras principais de Marx e Engels, amplamente exemplificado, em dois tomos).

TOMO I

Dr. Idem (*agarrado com uma das mãos ao balaústre do bonde e com um dos pés à tabuleta do letreiro Lotado, a frente especada contra os montões de cadáveres esmagados que atravancam a plataforma*):

– Não tem mais lugar? Esta é boa! Tem até demais; basta que os senhores se encolham um pouquinho. É uma pouca-vergonha não deixarem a gente subir! Tenho tanto direito de embarcar como qualquer um! Pisei na mão do senhor? Paciência, guerra é guerra. Se não obtivermos justiça às boas, recorreremos à violência. Que dirigentes são estes que deixam subir uns e recusam outros? Muito bem, nós mesmos é que vamos dar um jeito nesta joça. Então o senhor acha que os meus negócios são menos urgentes do que os seus? Como? Embarcou na parada anterior? E eu com isso? Quer dizer que já viajou o suficiente. Ora bolas! Se está incomodado, pode saltar. Não adianta vir com conversa mole pra cima de mim: pouco importa quem embarcou há mais tempo, empurrado por não sei que pistolão indecente... o que interessa é saber quem tem talento e força para se manter no lugar. Com os diabos, saiam da minha frente! Abaixo o motorneiro! Morte aos gozdos! Viva a revolução! Quem for húngaro, siga-me!

(Num ímpeto irresistível, penetra na plataforma. O carro põe-se em movimento).

TOMO II

Dr. Idem (*na parada seguinte, erguido à entrada da plataforma*):

– Mas, senhores, meus senhores, pelo amor de Deus! Não estão vendo que não há mais lugar?... Assim vão rebentar a plataforma. Deixem de empurrar-se uns aos outros como animais irracionais. Cavalheiros, não se esqueçam da dignidade humana. Afinal de contas, somos homens! Nem sequer um irracional embarcaria num bonde abarrotado. Senhores, vamos manter a ordem, senão irá por águas abaixo tudo aquilo que a sabedoria do nosso governo já realizou em benefício da Hungria de amanhã, dentro dos limites legais da evolução constitucional orgânica! Paciência, meus senhores! Paciência! Aguardem o próximo carro. Uma espera paciente e compenetrada, executada metodicamente, não poderá deixar de produzir os seus frutos, um futuro melhor, dentro, naturalmente, dos limites previstos pela Lei. Pensem, cavalheiros, na civilização ocidental, meditem no grande exemplo da Alemanha, lembrem-se das garantias constitucionais! Em nome da Nação Soberana, convido-os a se retirarem recíproca e pacificamente uns da barriga dos outros e aguardarem o próximo bonde! Viva o sr. Conductor! Viva o nosso querido Motorneiro, que dirige o nosso carro com tão sábia clarividência através destes dias críticos! Viva o Governo!